

PAISAGENS, TEMPORALIDADES E ENSINO DE HISTÓRIA

Marcia Pinto Bandeira de Mello¹

Resumo: O artigo apresenta uma breve revisão acerca da História da Paisagem, que é um campo relativamente novo de pesquisa, e discute como esta abordagem amplia o ensino de história, ao articular história, patrimônio e meio ambiente, na prática cotidiana escolar. Por meio do relato de um projeto existente no Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão III articulado ao Curso Integrado de Meio Ambiente, este trabalho pretende enfatizar uma determinada perspectiva da paisagem como documento histórico e objeto de estudo, o que é de grande valia para o campo do Ensino de História no âmbito da Educação Básica.

Palavras-chave: Ensino de História – Paisagem – Cultura - Educação Ambiental - Educação Patrimonial.

¹ Professora do Departamento de História do Colégio Pedro II. Coordenadora Pedagógica de História do Campus São Cristóvão III. Coordenadora do Laboratório de Ensino de História (LABHIS). Doutora em Comunicação e Sistemas Culturais pela UFRJ. Mestre em Educação pela UERJ. Bacharel e licenciada em História. Bacharel em Turismo.

(...) a paisagem se define como espaço ao alcance do olhar, mas também à disposição do corpo; ela se reveste de significados ligados a todos os comportamentos possíveis do sujeito. (...) O corpo torna-se o eixo de uma verdadeira organização semântica do espaço que tem por base oposições como: alto-baixo, direita-esquerda, frente-atrás, próximo-distante(...).

Michel Collot. **Pontos de vista sobre a percepção das paisagens.**

Ao pensar em uma disciplina dentro do Curso Integrado de Meio Ambiente que pudesse trabalhar temas como: Memória, Patrimônio, Preservação e Depredação, optei por fazer da disciplina “Preservação Ambiental” um curso que estaria ligado ao campo da História da Paisagem. Sem dúvida, verifiquei com o passar desses três anos que o campo da História da Paisagem possibilitou florescer pesquisas e análises no campo da História e outras disciplinas. Pois trata-se de um objeto de natureza interdisciplinar.

Quando atentamos para a ideia de que a paisagem se constitui não somente de dados geográficos, mas de vários fatores que se apresentam na organização dos espaços, pois nela encontramos dados da geografia física, da sociologia, do direito e da demografia (SILVA, 2004, p.211). A paisagem hoje é vista como um produto cultural, e se partimos do amplo entendimento de o plano cultural agregar planos como o biofísico, o econômico, o social e o tecnológico, vimos na paisagem a possibilidade de conhecer como o homem integra-se na natureza e dela participa (FERRARA, 1999).

Durante séculos ou milênios o homem se confundia com a natureza, sua relação com ela era tão próxima, que a sua presença estava em todos os níveis de vida humana: na religião, na sociedade e na ciência. A partir do século XVIII, passou-se a pensar em uma oposição clara e objetiva entre a natureza e a cultura. Essa última relacionando-se diretamente com a ação do homem, uma construção humana. No século XIX, com o idealismo e o romantismo alemão, definitivamente se separariam: Natureza e Cultura. A paisagem, portanto, era tratada como algo anterior ao homem, um elemento autônomo.

Segundo Francisco Carlos Teixeira (1997, p.204) nem mesmo o “olhar treinado”, de geógrafos, historiadores ou agrônomos, conseguiam perceber de imediato a ação do homem quanto tinham como objeto de análise, as florestas ou savanas. Assim, o autor busca defender o abandono dessa visão tradicional que consideravam as forças naturais como fator externo ao processo histórico, e incluir dentro do processo histórico vasto a relação homem/natureza. Para isso, temos que, a partir das transformações sofridas nas paisagens, buscar o reflexo da interação do homem com a natureza.

Contudo nos fins do século XIX e início do século XX, a história passava por mudanças conceituais. O positivismo, que marcara a disciplina por décadas, passava a ser questionado pelas ciências humanas e pela história posteriormente. E outras disciplinas surgiram, o que trouxe consequências para a história, a ideia de não mais buscar apenas a verdade, mas também teorias sobre as transformações e

funcionamento da sociedade. Tal atitude fez com que houvesse uma ampliação das fontes históricas e a paisagem, vista como resultado material da ação humana, passa a ser preocupação de Lucien Febvre, assim como a cultura material passou a ter lugar na história com Adolphe Lods, e Fernand Braudel que lança, em 1952, a sua obra sobre a civilização material.

Mas retomando nosso principal objeto de discussão, o entendimento da paisagem como fonte histórica, compartilho a conceituação do geógrafo Milton Santos quando chamou de paisagem uma combinação de objetos naturais e objetos fabricados, ou sociais, que são o resultado da acumulação da atividade de muitas gerações. Para compreendê-las o autor adverte que ela se define como “o que nossa visão alcança (...) não sendo formada apenas por volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 1997, p. 61). Completando tal ideia podemos destacar a necessidade de contextualização da paisagem, como advertiu o historiador britânico Alun Munslow:

A evidência não constitui conhecimento histórico disponível e pronto, que pode ser simplesmente engolido e digerido pelo historiador. As fontes tornam-se úteis como fatos históricos apenas quando o historiador as submeter a uma série de conhecimentos contextualizados que ele já possui. (MUNSLOW, apud PINSKY, 2005, p. 94.)

Assim, considero a paisagem como testemunho visual de elementos estéticos e simbólicos construídos historicamente. Esta paisagem é mais ou menos durável, é um ponto determinado no tempo, representa

diferentes momentos de desenvolvimento, resultado de uma acumulação no tempo. Em outras palavras:

(...) toda paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens, que constituem um sistema geral. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes. A paisagem é considerada, portanto em certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica. (SAUER, 1998, p. 23)

Nos trabalhos iniciais no campo das paisagens se destacavam os bosques, campo e aldeia, pouco a pouco com o desenvolvimento passou-se a incluir a história urbana e com a “incorporação das grandes massas de adensamento humano e seu peso no meio ambiente (...) dever-se-ia ir além da análise dos processos de urbanização e buscar uma tipologia das cidades como bioma ou paisagem” (SILVA, 1997, p. 205). Considerando a descrição de Jackson (1984, p. 5), a paisagem é compreendida como um conjunto de espaços, transformados pelas relações humanas. Portanto, percebemos que são as paisagens dotadas de historicidade, representam materialmente temporalidades diferentes. Para compreendê-las, Milton Santos adverte que para compreendê-las devemos atentar que nossa visão de paisagem não deve ser reduzida apenas a volumes, mas também as cores, movimentos, odores e sons (SANTOS, 1997, p. 61)

Um dos autores mais importantes para os estudos de paisagem é John B. Jackson em um livro que reúne aulas proferidas entre 1974 e 1984, voltado, sobretudo, ao público interessado na arquitetura e design da paisagem. Nele, o autor afirma que esse novo movimento acadêmico terminou por deslocar a discussão sobre o tema. Segundo ele, passou-se

a confundir a percepção da paisagem com a paisagem em si. E, nesse ponto, ele se afasta da tradição acadêmica. Não que Jackson ignorasse a questão perceptiva; muito pelo contrário, em sua distinção entre uma paisagem oficial, institucionalizada, e uma vernacular, é que reside nos interstícios daquela, e que é capaz de guardar, segundo ele, os verdadeiros traços de uma cultura.

Assim, percebendo e defendendo a paisagem como documento histórico, que a disciplina “Preservação Ambiental” foi pensada e se tornou realidade há cinco anos (2010/2015), no Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão III, especificamente para o Curso Integrado de Meio Ambiente.

Quando nomeio a paisagem como documento histórico me respaldo em toda discussão feita pelos Annales sobre a relação monumento-documento. A paisagem passou a ser mais uma fonte a ser trabalhada e usada na História, trazendo dentro de si temporalidades diferentes, como já justifiquei anteriormente.

Muitos podem achar que a apropriação do uso da paisagem pela história dá a impressão que estamos invadindo território alheio, porém temas da área do meio ambiente sempre foram familiares às ciências sociais, de acordo com a autora Circe Maria Bittencout. A autora ainda menciona em seu livro “Ensino de História” (2004) que, em face ao grupo de ambientalistas nas décadas de 1960 e 1970, os historiadores, “ao se aproximarem das lutas e conflitos vividos no tempo presente, passaram a rever e a reconsiderar o lugar da natureza no viver social” (2004); e

ainda apoiada em Marc Bloch e Fernand Braudel quando os nomeia como precursores de uma abordagem que estudou espaço e tempo, com o objetivo de estabelecer métodos que possibilitassem um entrelaçamento entre as paisagens e o homem.

Portanto, é legítimo que a história, ou melhor, o ensino de história traga para si a responsabilidade de desenvolver temas e trazer a problemática ambiental para sala de aula. E, sem dúvida para mim, o estudo das paisagens ou a abordagem que valoriza a paisagem dentro do ensino de história é um caminho fértil e possível.

Falo baseada em um olhar empírico, realizado sobre a atividade que, no ano de 2010, passou a ter um viés interdisciplinar, no âmbito da qual alunos do Ensino Médio Regular e Integrado trabalharam conteúdos de história e desenho baseado em um estudo de paisagens. Tivemos a noção de paisagem como um testemunho visual de elementos estéticos historicamente construídos, em síntese como um documento, como uma fonte histórica.

Marcar a historicidade dos espaços, perceber as rupturas e permanências, o significado social e cultural desses espaços, integrar a ação do homem à natureza fez com que a paisagem fosse um elemento vital da pesquisa, enfim se tornou o principal objeto de análise. As fontes para se chegar e análises os dados constitutivos da paisagem podem ser inúmeros, como legislação, relatos, iconografias, dentre outros. A paisagem traz marcas de temporalidades distintas em um dado momento.

No caso específico da experiência que apresento, fica mais fácil a exposição da importância do estudo de paisagem para se chegar a temas como memória, patrimônio, preservação e depredação. Pois, o Rio de Janeiro, por ser uma cidade mestiça e possuir os destempos, oferece um misto de paisagens simultâneas. Portanto, acho conveniente lembrar Carlos Lessa (2001) quando esse afirmou que o Rio de Janeiro é uma espécie de aglutinado das variedades do país, uma síntese de características e potencialidades nacionais, espaço aberto a todos que aqui chegam.

A partir do ano de 2011, o laboratório, associou a disciplina Preservação Ambiental, disciplina específica de História dentro do Curso Integrado de Meio Ambiente, a disciplina História regular do terceiro ano do ensino médio e da disciplina Desenho no projeto “Perspectivas” (O corredor histórico cultural do centro da cidade do Rio de Janeiro – perspectivas). Visitar os espaços históricos da cidade do Rio de Janeiro proporcionou aos alunos não somente o reconhecimento dos traçados segundo as regras da perspectiva exata, como também a oportunidade de ampliar o entendimento do próprio conceito de perspectiva: um olhar na direção dos fatos, numa perspectiva histórica. A avaliação veio de uma atividade em dupla a ser avaliada em História e Desenho. Ao percorrer o corredor histórico cultural do centro da cidade do Rio de Janeiro, os alunos deverão escolher duas paisagens que retratem dois momentos históricos, contextualizá-las historicamente e, através de imagens, representá-las em diferentes perspectivas.

Um olhar para a paisagem urbana construída, para espaços remodelados em diferentes períodos da nossa história. E talvez mais do que isso, de compreender a posição e motivações de sujeitos observadores de seu próprio tempo, por intermédio de suas edificações. O estudo da representação da perspectiva cônica, assunto relevante e que justifica a parceria das disciplinas Desenho e História nesse projeto, pressupõe a representação dos objetos do espaço baseada na experiência visual humana, de modo que a posição do observador é decisiva, pois diferentes pontos de vista fazem gerar diferentes imagens. Com relação a paisagem, retomamos o que Jackson, ressalta que a importância de não se confundir a paisagem com a percepção que se tem dela. Dessa forma, mais uma vez demonstramos o caráter histórico dessa paisagem e a importância do trabalho realizado no Colégio Pedro II.

Para a disciplina História e de Preservação Ambiental, a paisagem urbana, passou a ser um documento que possibilitou a partir desse a construção do conhecimento histórico do educando. Reconhecendo a paisagem como objeto de estudo histórico, marcado de historicidade, foi possível ao educando a construção de uma consciência histórica. E, ao mesmo tempo pode-se afirmar que tal atividade foi sem dúvida um projeto de Educação Patrimonial e Ambiental que se propôs a extrapolar os limites físicos da escola e das fotos impressas em livros para mergulharmos em nossa fascinante paisagem histórico cultural, que pode ser percebida a partir de diferentes perspectivas. Dentre os objetivos que nortearam o projeto o que aqui se torna relevante é o de possibilitar

o educando a contextualizar historicamente as paisagens do corredor histórico cultural do centro da cidade. Pois qualquer monumento isolado, de significado autônomo está muito longe de contribuir para a consciência histórica, que é um vértice da preservação da paisagem, segundo Yagizi (1999, p.138).

O projeto “Perspectivas” foi dividido em duas etapas: um primeiro momento, o laboratório ofereceu uma oficina escola de capacitação na área de patrimônio cultural para professores, pesquisadores e graduando ministrada pelas Profa. Dras. Luiza Helena Lamego e Marcia Pinto Bandeira. A proposta da oficina foi sensibilizar e capacitar professores, graduandos e pesquisadores para atuar no processo permanente de valorização e resgate do patrimônio histórico-cultural, em específico, da cidade do Rio de Janeiro. Objetivamos, através da temática abordada, fornecer ao público alvo, elementos que contribuam para realização de trabalhos acadêmicos e de prática em sala de aula. A oficina foi dividida em duas partes: uma parte teórica, porém, interativa, em que a temática foi apresentada e uma prática, na qual os integrantes da oficina foram a campo. A oficina acolheu graduandos das áreas de História e Desenho, da Universidade Federal Fluminense (UFF); da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e das Universidades Particulares UNISUAN e Veiga de Almeida.

Em 2012, com implementação do Projeto Residência Docente da Direção de Pós-graduação e Extensão do Colégio Pedro II, com apoio da CAPES, contamos com dez professores docentes e ainda 06 estagiários

da Universidade Federal Fluminense, para realizarmos a atividade. No ano de 2013, a oficina foi oferecida aos professores residentes por mim e pela professora Isis Brazil de Desenho.

A oficina que precede a atividade é uma forma de demonstrar na prática como a paisagem pode ser utilizada como objeto de estudo da história e elemento didático na escola. Como já ressalté acima, a Cidade do Rio de Janeiro possui o que Carlos Lessa (2001) denominou epicentro da cidade, a Praça XV. Fruto de aterros sucessivos, desde o século XVI com instalação do Convento das Carmelistas, na antiga Rua Direita, hoje Primeiro de Março, representa uma síntese das diversas temporalidades percorridas no corredor cultural. Oferece ao observador lembranças da Praça da Polé (da vila colonial), do Paço Imperial (da cidade do século XIX), do Panteão de Osório (República) e ainda conta com o regate do chafariz de Mestre Valentim. Na verdade, o espaço oferece uma paisagem ideal para ser trabalhada dentro dessa linha. Oferece um misto de temporalidades e estilos que marcam cada período vivido pela cidade.

Sempre após o percurso fazemos uma avaliação com os componentes do grupo, e percebemos que ao final de cada oficina e atividade com alunos, constata-se o incentivo que representa para cada um esse percurso: seja sob a forma de Educação Ambiental e Patrimonial, seja sob a forma de valorização da História e Monumentos, ou ainda, sob a forma de despertar a necessidade de vivenciar a cultura e a própria cidade.

Tais respostas por parte dos componentes dos grupos de alunos, estagiários e professores docentes, nos faz sempre reavaliar e reorganizar a cada ano, o projeto. E ajuda a pensar na disciplina de história, seu papel, seu conteúdo e a sua responsabilidade dentro da formação de cada aluno ou futuro professor. E, do mesmo modo, incentiva a defender que o professor deve e tem que ser também um pesquisador, que busca a construção de conhecimento e assume sua responsabilidade como um incentivador da participação do aluno no cotidiano da sua disciplina. Ideias de preservação e conservação patrimonial invadem a sala de aula, possibilitando, além de uma Educação Patrimonial, uma Educação Ambiental.

O uso da paisagem dentro do cotidiano escolar faz com que a História ganhe vida, que possa ser vista como uma construção de todos. Enfim, desperta no aluno a ideia de ser um sujeito da história, e que o cotidiano pode ser um objeto de estudo.

Referências

- BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Lisboa: Publicações Europa – América, 1998.
- CARLOS, Ana Fani A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo, Edusp, 1994.
- COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. In: **Boletim de Geografia Teórica**, Rio Claro/São Paulo, v.20, n.39, p.21-32, jan. 1990.
- DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 2 n. 8, 1991.
- FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra C.A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

- JACKSON, John Brinckerhoff. **Discovering the vernacular landscape**. New Haven: Yale University Press, 1984.
- LESSA, Carlos Lessa. **O Rio de todos os Brasis**, Rio de Janeiro: Record, 2001.
- PINSKY, Carla (org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.94.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. História das Paisagens. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro; Elsevier, 1997, p. 203-216.
- SILVA, Maria da Glória. **Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer**. São Paulo: Editora Aleph. 2004.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Apresentando leitura sobre paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.
- YAGIZI, Eduardo (org). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

* * *

LANDSCAPES, TEMPORALITIES AND TEACHING OF HISTORY

Abstract: The article aims at making a brief overview of the History of Landscape which sets up a relatively new field of historical research and above all discussing how such approach may improve the teaching of history by emphasizing the bonds linking history, heritage and environmental into everyday school practice. Having as a reference the Project “Perspectivas” in connection to the Integrated Course of Environmental at Colégio Pedro II *Campus* São Cristóvão III, this work intends to highlight a given perspective of the landscape as historical source and object of study, which has provided valuable contributions to the teaching of history regarding the basic education.

Keywords: Teaching of History – Landscape – Culture - Environmental Education - Heritage Education.

Recebido em: 19/03/2015
Aprovado em: 08/05/2015